



Esboços: Histórias em Contextos Globais

ISSN: 2175-7976

Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

Klanovicz, Jo
PAISAGENS VULNERÁVEIS DO CAFÉ: UMA HISTÓRIA
GLOBAL DE AGÊNCIAS HUMANAS E NÃO HUMANAS
Esboços: Histórias em Contextos Globais, vol. 28,
núm. 49, 2021, Setembro-Dezembro, pp. 882-889
Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2021.e78530>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=594073303012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)


UABM [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

PAISAGENS VULNERÁVEIS DO CAFÉ: UMA HISTÓRIA GLOBAL DE AGÊNCIAS HUMANAS E NÃO HUMANAS

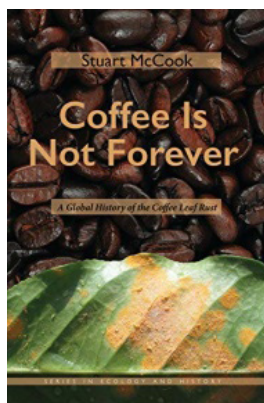
Vulnerable ‘coffeescapes’: a global history of human, and non-human agencies

Jo Klanovicz ^{a,b}

 <https://orcid.org/0000-0002-5110-9028>
E-mail: jo@unicentro.br

^a Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Guarapuava, PR, Brasil

^b Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, Brasil



MCCOOK, Stuart. *Coffee is Not Forever: A Global History of Coffee Leaf Rust*. Athens: Ohio University Press, 2019. 306 p.

PALAVRAS-CHAVE: História Ambiental; Vulnerabilidade; Café (*Coffea spp.*).

KEYWORDS: Environmental History; Vulnerability; Coffee (*Coffea spp.*).

Coffee is not forever, do historiador Stuart McCook, redimensiona o debate sobre as agências humana e não humana na história ambiental global a partir de uma commodity que se tornou, desde a modernidade, não apenas um produto, mas também foco de dinâmicas biológicas e históricas interconectadas: o café. McCook articula a ecologia do café como planta, o café como commodity e os sistemas políticos, econômicos e sociais, narrando-os a partir das interconexões humanos-não humanos proporcionada pela epidemia de ferrugem-do-cafeeiro causada pelo fungo *Hemileia vastatrix* e sua itinerância mundial, do século XV até ter-se tornado uma ameaça global a plantações entre o século XX e XXI. O autor aproveita os processos de abandono de plantações, os dilemas socioambientais da sobrevivência de pequenos e médios produtores de café – especialmente na América Latina entre o final do século XX e XXI – para dimensionar essa realidade nas interações entre agroecologia do café e sociedades que estão no centro das mudanças climáticas. Nesse sentido, percebe como populações do sul global têm se preparado e respondido a mudanças cada vez mais repentinas e catastróficas em seus ambientes.

O autor argumenta que a cafeicultura global pode ser interpretada pelas interações biológicas e históricas que a planta, a commodity e *H. vastatrix* apresentam em meio às instituições humanas. Em qualquer epidemia, argumenta o autor, existe uma tríade que apresenta interações biológicas e históricas, que é formada por três elementos: um patógeno, um hospedeiro suscetível e um ambiente. Ao cobrir um longo período, a obra historiciza a *plantation* cafeeira global como uma sucessão de tentativas e erros, por meio das histórias de abandono e retomada de variedades, deslocamento de pessoas e saberes, de equipamentos e tecnologia, bem como arregimentação política em torno da cultura a partir dos problemas e limites apresentados pelo fungo. Dessa forma, para McCook, ao discutir a agência de um fungo numa história de difusão global de uma monocultura, não seria mais possível historicizar monoculturas apenas sob a ótica sociopolítica ou econômica ou cultural, uma vez que essas histórias às vezes diminuem ou apagam “o papel importante de outros dois elementos no triângulo da doença” (MCCOOK, 2019, p. 17). Por outro lado, a atenção à tríade “serve para lembrar que epidemias são fundamentalmente históricas, produto de processos de longa duração que produzem ecossistemas vulneráveis” (MCCOOK, 2019, p. 17).

O livro está dividido em 10 capítulos, apresentando, de início, uma discussão cuidadosa da ecologia das variedades importantes de café – especialmente o *Coffea arabica* – nos ecossistemas de origem do continente africano. A expansão da produção e do consumo do café se deu a partir da Etiópia em direção ao mundo islâmico no século XV, sendo a seguir impulsionada a partir das rotas comerciais do império turco-otomano, até o século XVIII, de maneira contínua, desenhando um período que McCook chama de *Pax arabica* ecológica, na medida em que o fungo causador da ferrugem não representava uma ameaça significativa à produção do grão. Ao contrapor essa realidade agroambiental àquela apresentada pela crise continuada da cafeicultura na América Latina, o historiador salienta as transformações ecológicas e históricas da cafeicultura em flashbacks que permitem visualizar as diferentes dinâmicas de plantio, circulação e consumo de uma commodity ameaçada a partir da mudança climática.

Na medida em que a comodificação do café vai acontecendo desde o século XVIII, em meio à justaposição territorial de impérios europeus em outros continentes, pautada tanto pela securitização como pela captura de ecossistemas para a expansão de agriculturas lucrativas, o cafeeiro, o fungo e a doença por ele causada nas plantações

passarão a desenhar novas histórias de vulnerabilidade em torno da atividade, com implicações políticas.

É a partir do século XIX que o fungo começa a desenhar um quadro de implicações significativas para a cultura do café. O epicentro desse processo foi o Ceilão. Entre os anos 1820 e 1830, houve maior adensamento da produção, com vistas a incrementar a produção local e sua produtividade, o que envolveu desmatamento de áreas mais altas, e conversão de áreas para o plantio. Na década de 1870, o Ceilão, que era o terceiro maior produtor mundial de café, passa a ser assolado pela ferrugem-do-cafeeiro, justamente na época em que começam a ser desenvolvidos processos de adensamento do plantio visando ao aumento da produção e da produtividade de cafezais, um cenário que favoreceu a propagação de doenças. Necessário notar, também, que isso se encontra com o aumento do valor do café na Europa e na América. Na mesma época, uma nova área de conhecimento também veio a se encontrar com os dilemas do café no Ceilão, a fitopatologia amparada numa nova perspectiva de botânica difundida pela Alemanha, especialmente a partir de trabalhos como os de Liebig, que buscava estudar plantas vivas e não mais herbários. A aproximação de laboratórios científicos com plantações é trabalhada pelo autor a partir de fontes que mostram o interesse de produtores do Ceilão em pedir cientistas em suas propriedades com vistas a verificar o que estava acontecendo com as plantas. A fitopatologia nascente, por sua vez, começava a investigar doenças também considerando registros históricos sobre chuvas, temperaturas anuais médias, além de se preocupar com cenários de diferentes resiliências quando se comparavam grandes e pequenas propriedades produtoras.

A ferrugem-do-cafeeiro começa a desarticular modos de vida, desafiar seriamente cientistas e pressionar governos, e essa agência que posso qualificar como político-biológica do fungo passaria a chamar atenção na medida em que novas configurações surgiam no mundo agrícola, tais como os difíceis processos de substituição de culturas, desenvolvimento de novas variedades versus desconfiança de produtores, e alterações na tríade histórico-biológica de epidemias, ou seja, no equilíbrio entre ambiente, patógeno e hospedeiro. O café do Ceilão, nesse sentido, colapsaria em duas fases, com produtores locais sofrendo menos que europeus, e com o desvelamento, por parte de cientistas, de alternativas ao café, tais como a conversão de áreas de cultivo para a introdução de alguns chás ou cultivo de coco (*Cocos nucifera*).

A partir da segunda metade do século XIX, o *Coffea arabica* passa pelo que McCook chama de diásporas interconectadas, onde a ferrugem viaja e se espalha seguindo a expansão das ferrovias, das infecções, que passam a formar, inclusive, um cinturão epidêmico entre os oceanos Índico e Pacífico. Chuva, vento, topografia, padrões de plantio, altitude são identificadas como fatores para a severidade de uma doença agrícola, mas eles também são criados a partir de respostas individuais e coletivas. O capítulo 4, dessa forma, trabalha com um tema relevante para as monoculturas, qual seja o controle químico de doenças. No caso do café, as primeiras tentativas industriais de controle são baseadas no mercúrio, no tabaco, no ácido bórico, sulfato de carvão, quinino, calda bordalesa, que vieram a desenhar novas complexidades, como a transferência e adaptação de tecnologias e equipamentos entre uma cultura agrícola e outra, mas também, entre um continente e outro, na diversidade sociobiocultural.

Esse capítulo mostra, também, o impacto do Brasil no complexo jogo de escala de produção global de café no final do século XIX, especialmente no que diz respeito à queda mundial do preço do produto. Enquanto a América desempenhava papel preponderante no café global, uma variedade indígena que começava a ser impulsionada na Libéria como promessa de futuro de um país construído por ex-escravos majoritariamente oriundos dos EUA, foi expandida fortemente desde 1870. Não duraria muito tempo para que *H. vastatrix* tomasse conta dessas plantações, que colapsaram na década de 1890, bem como os cafezais plantados com o *Coffea liberica* na Índia e na Malásia.

Tanto para produtores como para estados nacionais e grupos científicos, o final do século XIX e o início do século XX foi pautado pela busca de um café resistente à ferrugem. Hospedeiros e patógenos estavam se transformando e, em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Ásia, que chegou a produzir 30% do café mundial na metade do século XIX, já representava só 5% desse produto. O Brasil era um dos responsáveis, junto com a ferrugem, pelo colapso asiático e o arábica passava a conviver cada vez mais com o café robusta (*Coffea canephora* var. robusta). O café estava intimamente ligado a interesses convergentes de produtores e de estados. No caso do Brasil, a expansão da produção cafeeira marca políticas estatais como a de valorização do café brasileiro no mercado internacional, com tentativas de controle global do preço. Na medida em que a primeira metade do século XX avança, e que a Ásia vai se reorganizando em termos de produção de café a partir do robusta, a paisagem geopolítica do café também irá mudar, no emaranhado de instituições humanas e de agência não humana.

O capítulo 7 discute o café em meio a processos de modernização na Guerra Fria. Nesse sentido, o autor observa os desafios criados pela descolonização na África e na Ásia aos institutos de pesquisa do café. A pesquisa continuou, raramente sendo desarticulada, mas tendo de se adaptar a novos sistemas de financiamento, novas pressões políticas e novos interesses. Ao mesmo tempo, o café era politicamente importante na Guerra Fria, na medida em que uma possível desarticulação de sistemas produtivos podia abrir caminho para tensões sociais e movimentos políticos. O problema era especialmente sensível em locais nos quais a sombra da revolução cubana era mais próxima, como El Salvador, Guatemala, Nicarágua ou ainda Colômbia. No caso do Brasil, a expansão de obras de infraestrutura para o interior fez com que a *H. vastatrix* viajasse das regiões produtoras para o exterior, chegando na Bolívia. A Colômbia, que no final do século XX era o segundo maior produtor de café e que estava relativamente isolada geograficamente do fungo, viu-se acantonada entre o fungo que chegava pela Bolívia e o que vinha das plantações da América Central. O país conseguiu escapar da epidemia até 1983.

A América Latina foi produzindo estratégias formais e informais de convivência com o fungo a partir daí até o início do século XXI, quando a “coexistência frágil de agricultores e ferrugem também colapsou” (MCCOOK, 2019, p. 272). Especialmente desde os anos 1990, estados latinoamericanos passam a adotar uma abordagem neoliberal de governo, justamente no momento em que pequenos e médios produtores de café estavam mais vulneráveis, tendo de negociar novas técnicas de produção, novos cultivares e novos investimentos com queda nos lucros e a voracidade da ferrugem em altitudes impensáveis, como os cafezais colombianos acima de 2000 metros. É o período, também, em que o investimento em pesquisa e desenvolvimento transita do setor público para o privado, e que cada vez mais produtores são sequestrados para o





metade do século XIX, que diz respeito ao uso de mão de obra escravizada, tanto no continente africano, como no Brasil, bem como o pouco acionamento do conceito de trabalho nesse processo, também marcado por violências. Monoculturas como a do café grassaram em diferentes ecossistemas no período também a partir de uso intensivo de mão de obra, que provavelmente articulava outras relações com as plantações e com a modificação das paisagens, tecendo interações diferentes com o próprio fungo, com padrões em seus corpos hierarquicamente inferiorizados, inclusive com relação ao próprio conhecimento agrícola. Que ligações podem ser realizadas, nesse sentido, entre conhecimento agrícola interessado em melhoramento de plantas, e as hierarquias de raça, de classe e de gênero nas lavouras ao redor do mundo? Em meio a paisagens vulneráveis, o café também marca uma história de corpos igualmente vulneráveis, tanto à monocultura como ao conhecimento e às relações de poder.

Nas *assemblages* de vontades, projetos e sonhos humanos, de fungos, variedades mais ou menos resistentes a eles, de altitudes, relevos e estados, de pequenos, médios e grandes produtores e da maior ou menor umidade incidindo sobre as plantações, *Coffee is Not Forever* apresenta uma narrativa fluida, bem documentada, com muitos insights para a história agroambiental global e mostra a importância renovada do tema das commodities para pensar a contemporaneidade de escolhas sobre o que, como e por que produzir e consumir em um mundo de paisagens vulneráveis tanto para agroecossistemas como para nossos próprios hábitos de consumo e modos de viver.

REFERÊNCIAS

BRAY, Francesca (ed.). *Rice: global networks and new histories*. New York: Cambridge University Press, 2015.

CORONA, Gabriella *et al.* What is Global Environmental History? Conversation with Piero Bevilacqua, Guillermo Castro, Ranjan Chakrabarti, Kobus du Pisani, John R. McNeill, Donald Worster. *Global Environment*, Winwick, v. 2, p. 228-249, 2008.

GLAESER, Bernhard (ed.). *Green Revolution Revisited*. New York: Routledge, 2011.

GREGG, Sara M. Cultivating an Agro-Environmental History. In: SACKMAN, Douglas C. (ed.). *A Companion to American Environmental History*. New York: Blackwell, 2010. p. 425-441.

KLANOVICZ, Jo. Tecnologia de força bruta e a agropaisagem da soja transgênica no Paraná. *XVII Encontro de História – ANPUHR*. 2020. Disponível em: «https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=589» Acesso em: 23 nov. 2020.

LATOUR, Bruno. Technology is Society Made Durable. *The Sociological Review*, London, v. 38, n. 1, p. 103-131, 1990. Supl.

MCCOOK, Stuart. *Coffee is Not Forever: A Global History of Coffee Leaf Rust*. Athens: Ohio University Press, 2019.

MOORE, Jason (ed.). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

UEKÖTTER, Frank (ed.). *Comparing Apples, Oranges, and Cotton: Environmental Histories of the Global Plantation*. Frankfurt: Campus, 2014.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Jo Klanovicz: Doutor. Docente, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Laboratório de História Ambiental, Guarapuava, PR, Brasil. Professor Visitante, Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em História, Chapecó, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Frei Caneca, 2035, apto 704. 85012-000, Guarapuava, PR, Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Claiton Marcio da Silva (UFFS) pelo intercâmbio de olhares sobre a produção historiográfica do autor da obra analisada e à editoria da *Esboços* pela remessa do livro para leitura.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

© Jo Klanovicz. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Beatriz Mamigonian
Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

HISTÓRICO

Recebido em: 30 de novembro de 2020.

Aprovado em: 23 de março de 2021.

Como citar: KLANOVICZ, Jo. Paisagens vulneráveis do café: uma história global de agências humanas e não humanas. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 882-889, set./dez. 2021. [Seção] Resenha. Resenha da obra: MCCOOK, Stuart. *Coffee is Not Forever: A Global History of Coffee Leaf Rust*. Athens: Ohio University Press, 2019. 306 p.

